

## REPORTAGEM

# De Hong Kong para Portugal

A escalada de violência e a instabilidade política em Hong Kong estão a fazer com que muitos dos seus cidadãos ponderem deixar o território – e Portugal é cada vez mais um destino de opção. Há um crescente interesse no investimento imobiliário para a obtenção de vistos “gold” e as famílias que já se mudaram são alvo de muita curiosidade.

HELENA VIEGAS

# H

o Yin Yin é difícil de pronunciar, por isso escolheu “Vera”. Trouxe consigo o nome que usava nas aulas de português, dadas pelo professor Alexandre Lui, em Hong Kong, e é assim que a jovem mãe de 36 anos se apresenta desde que se mudou para o Estoril em definitivo, em julho, juntamente com o marido Jack e os três filhos. São uma família numerosa, sobretudo para os parâmetros chineses, que já cresceu com a vinda dos avós e vai aumentar ainda mais com a chegada dos tios, explica Vera. Espaço já não é um problema. O investimento que lhes garantiu o acesso a um visto “gold”, a casa com jardim que adquiriram e remodelaram na linha, tem 300 metros quadrados – uma área sete vezes maior do que o apartamento que tinham na antiga colónia britânica.

Hong Kong está “lotada”, explica Jack, com a ajuda do tradutor do smartphone. As crianças crescem em espaços apertados, assoberbadas de tarefas, pressionadas por uma cultura de competição, sem liberdade. “Não têm infância”, comenta o professor de “badminton”, também com 36 anos. A vontade de emigrar nasceu dessa certeza, e instalou-se com a constatação de que seria difícil, e tam-

bém muitíssimo caro, educar três filhos naquela cidade asiática.

Portugal não foi a primeira opção, mas acabou por impor-se aos clássicos destinos de língua inglesa, como Austrália e Inglaterra, pela facilidade de obtenção de visto e “pelo baixo custo de vida”, diz Vera. Hoje, valoriza também mais o facto de ser um país calmo e pacífico. “A minha mãe e o meu irmão dizem-me que não saem de casa, que não é seguro”, contou ao Negócios, dias antes da invasão policial do “campus” da Universidade Politécnica de Hong Kong, onde centenas de ativistas se encontravam barricados.

A escalada de violência e a instabilidade política e social em Hong Kong estão a gerar ansiedade e a fazer com que mais cidadãos ponderem deixar o território – e Portugal é cada vez mais um destino de opção, nomeadamente através da possibilidade de obtenção de Autorizações de Residência para Atividade de Investimento (ARI), os famosos vistos dourados. O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) informa ter atribuído, desde 2012, 4.424 autorizações a cidadãos chineses (218 no primeiro semestre de 2019), sem discriminar a região de origem. Contac-







A família de Ho Yin Yin ou "Vera" mudou-se em definitivo para o Estoril em julho. Ainda falta chegar os tios.

**Portugal não foi a primeira opção. Acabou por impor-se aos destinos de língua inglesa pela facilidade de obtenção de visto e "pelo baixo custo de vida", diz "Vera".**

tado, o consulado da China não respondeu às perguntas do Negócios. Mas a perceção de Vera – que é contactada no Facebook quase diariamente por amigos e residentes em Hong Kong, curiosos sobre a vida em Portugal – não surge apenas relatada num artigo do South China Morning Post, publicado em julho, como encontra eco na opinião de muitos dos profissionais que lidam "in loco" com esta realidade.

"Os pedidos de informação aumentaram drasticamente, à medida que os protestos foram subindo de intensidade e a incerteza sobre o futuro persiste. O número de interessados cresceu 260% em relação ao ano anterior e, entre junho e julho, as consultas mais do que duplicaram", confirma ao Negócios Sarah Nicklin, da consultora Henley & Partners, especializada em questões de residência e cidadania.

A tendência deverá continuar a crescer, acredita o advogado Tirso Olazabal, da MdME Lawyers, sociedade que assume a representação da rede Morais Leitão Legal Circle em Macau e Hong Kong. "Desde o início do programa Golden Visa, em 2012,

a procura asiática era geralmente associada aos chineses da China continental. No entanto, o caso mudou de figura no que se refere aos residentes de Hong Kong, pois existe agora uma necessidade real na procura de uma segunda residência, de modo a salvaguardar o futuro. Uma expressão bastante elucidativa, que é utilizada pelos residentes de Hong Kong quando se referem ao Golden Visa, é o termo 'life insurance', seguro de vida", explica, a partir do seu escritório, na Ásia.

#### TER UM "PLANO B"

A viver no território há 27 anos, casado com uma cidadã chinesa, um escritor e cartoonista norte-americano, que pede para não ser identificado, explica a razão do seu investimento em Portugal, em 2016, e contextualiza a decisão. "Em 1997, quando houve a transferência da soberania para a China, ninguém acreditava muito na ideia de 'um país, dois sistemas', e que tudo iria ficar igual, mas foi o que se passou. Talvez houvesse alguma autocensura, mas até 2013 nada aconteceu. Depois, com Xi Jinping no



## REPORTAGEM



Cheong adotou o nome português "João". Está a viver em Almada desde 2017.

página 11

poder, as coisas começaram a mudar...”, conta, em entrevista feita por Skype.

Em 2014, a intenção de pré-aprovar os candidatos à eleição do governo local motivou a “revolução dos guarda-chuvas” (assim chamada em referência às sombrinhas que os protestantes usavam para se proteger contra o gás lacrimogéneo lançado pela polícia para dispersar a multidão). “O sufrágio universal faz parte da ‘basic law’ [a Lei Básica de Hong Kong, que tem o valor de Constituição], mas basicamente o que o governo chinês disse foi: ok, todos podem votar, mas entre os dois ou três candidatos escolhidos por nós...”, comenta.

Seguiram-se as eleições locais de 2015, das quais as forças pró-Pequim saíram vencedoras. “Muitos candidatos foram desqualificados à última hora, e foi quando começámos a ficar nervosos e a considerar Portugal”, diz o autor. “Eu não me identifico com a América e queria ter um ‘plano B’. Ainda não estou pronto, mas agora sei que se na próxima semana sair uma lei que diz que todos os estrangeiros têm

**“João” tece fortes críticas à forma como a China tem gerido as antigas colónias, diferentes na cultura e até na língua. Em Hong Kong, as escolas começaram a ensinar mandarim.**

de sair, eu tenho para onde ir”.

O cartoonista tem vários amigos norte-americanos a viver em Lisboa e conhece outros residentes de Hong Kong a considerar a mudança, o que para Tirso Olazabal não é de estranhar. “Portugal é hoje um país muito atrativo, não apenas pelos benefícios fiscais, mas também pelas excelentes oportunidades de investimento em muitos setores (turismo, imobiliário etc.). Apresenta ainda uma excelente qualidade de vida (segurança, baixo custo de vida, internacionalização, etc.), um fator determinante no momento de investir”, confirma o advogado. Além disso, acrescenta, “a ligação histórica entre Macau e Portugal atribui um certo conforto aos residentes de Hong Kong uma vez que muitos estão assim familiarizados com Portugal”.

O sistema “um país, dois sistemas” vigora até 2047, mas o desenrolar dos acontecimentos em Hong Kong nos tempos mais próximos será determinante para muitos dos que equacionam sair. Adrian C., contabilista residente em Hong





**“Vera” é contactada quase diariamente no Facebook por amigos e residentes em Hong Kong curiosos sobre a vida em Portugal.**

#### NACIONALIDADE PORTUGUESA

Alexandre Lui começou a dar aulas de português em Hong Kong em 2016. Os pais emigraram para o Brasil nos anos 1970 e, ainda criança, viveu 10 anos em São Paulo. No regresso, decidiu estudar tradução em Macau e há quatro anos arriscou procurar na sua ilha de origem candidatos à aprendizagem da língua de Camões.

Os cidadãos nascidos em Hong Kong até 1997 possuem nacionalidade britânica “além-mar”, um estatuto que não lhes garante o direito de residência no Reino Unido. Mas, aos naturais de Macau, nascidos antes de 1981, foi atribuída nacionalidade portuguesa – e mesmo os que nasceram depois, desde que tenham uma mãe ou um pai português, podem igualmente pedi-la. Por isso, “no início, a maioria dos alunos eram pessoas de Macau, que vivem em Hong Kong e têm nacionalidade portuguesa, mas não sabem falar a língua. Outros queriam viajar para Portugal e precisavam de aprender português para facilitar a comunicação”, explica Alexandre Lui. No final de 2016, “começaram a vir alunos novos, interessados em migrar para Portugal, devido à política de vistos ‘gold’, que os obrigava a fazer o exame CIPLE (Nível A2)” – e de aulas semanais para uma turma com 10 alunos, o professor passou a dar aulas diárias a grupos de 15 a 20 pessoas.

Segundo o próprio, passaram a sentar-se nas cadeiras à sua frente três grupos de pessoas. Jovens ou casais à procura de uma vida melhor, que optaram por viver em Portugal porque um deles já tem nacionalidade portuguesa por ter pais nascidos em Macau. Indivíduos que visitaram Portugal e ficaram agradados com o país e com o facto de o investimento necessário para obter a nacionalidade ser mais baixo do que outros países europeus, bem como pelo prazo obrigatório de permanência durante o procedimento do pedido ser mais curto (14 dias/ano). E, finalmente, pessoas que querem apenas utilizar Portugal como uma entrada para a comunidade europeia.

Cheong, ou “João”, que também foi aluno de Alexandre Lui e é músico – entre outras coisas, toca o violino chinês de duas cordas –, pertence ao primeiro grupo. Nasceu em Macau, mas cresceu em Hong Kong e só recentemente achou que, “como cidadão português, devia aprender a língua e a cultura portuguesas” – uma decisão que, a par com a degradação da situação política em Hong Kong, acabou por motivar a vinda para a Europa.

A viver em Almada desde 2017, João tece fortes críticas à forma como a China tem gerido as antigas colónias, diferentes na cultura e até na língua, já que ali se fala cantonês, enquanto o mandarim é a língua principal na China continental. “Macau é relativamente pacífico, mas isso não significa que as pessoas estejam satisfeitas. Apenas entendem que é impossível lutar contra o gigante e ficam caladas”, garante.

Em Hong Kong, “a China tem gradualmente assumido o controlo sobre todas as grandes empresas” e “foram dadas a membros do partido comunista cargos importantes no governo”, acusa João. As escolas começaram a ensinar mandarim e há cada vez mais câmaras de vigilância nas ruas. “Hong Kong tornou-se um estado policial, com uma polícia que pode ser comparada à PIDE no regime Salazar. Em 2015, os proprietários de uma livraria foram presos pela polícia secreta da China. Em 2016, estudantes envolvidos num protesto foram condenados a sete anos de prisão”, elenca.

Para João, é hoje óbvio que “a liberdade e a segurança deixaram de estar garantidas” e, ainda que a lei da extradição tenha sido revogada, os jovens continuarão em protesto pela falta de democracia e contra a brutalidade policial. “Não há sinal de reconciliação no futuro próximo”, lamenta. Não é de estranhar por isso que “muitas famílias de classe média em Hong Kong estejam a pensar em emigrar”. Taiwan, Singapura, Austrália ou Canadá costumavam ser os destinos populares, “mas recentemente cada vez mais pessoas pensam em vir para Portugal”, confirma. “Alguns são naturais de Macau, outros estão a considerar o visto ‘gold’”. ■

**“Uma expressão bastante elucidativa, que é utilizada pelos residentes de Hong Kong quando se referem ao Golden Visa, é o termo ‘life insurance’, seguro de vida”, explica o advogado Tirso Olazabal, da MdME Lawyers.**

Kong, mostra-se igualmente expectante. Desde sempre ligado a Macau e a Portugal, por motivos profissionais, ouviu falar dos vistos dourados em 2013 e decidiu investir no país para ter uma alternativa e para dar outras oportunidades aos filhos. Com o passar dos anos, porém, passou a gostar cada vez mais de Lisboa e a interessar-se pela língua e pela cultura – e hoje não consegue encontrar uma resposta para a pergunta sobre se tenciona mudar-se em breve.

“É difícil de responder. O mundo está a mudar rapidamente. Nos últimos anos, a realidade muda todos os dias. Durante algum tempo, Portugal esteve nos nossos planos como destino para a reforma ou para uma semireforma. Daqui a uns dez anos, contávamos passar no país alguns meses por ano. Mas, como a situação em Hong Kong se está a deteriorar rapidamente, as conversas sobre se deveríamos acelerar o plano e ficar mais do que alguns meses por ano são cada vez mais frequentes. E ainda não chegámos a nenhuma conclusão”.

Luis Manuel Neves





ID: 83724768



# 10 Vieram de Hong Kong para Portugal



# negócios

## FIM DE SEMANA

Sexta-feira, 29 de novembro de 2019 | Diário | Ano XVI | N.º 4131 | € 2,90  
Diretor **André Veríssimo** | Diretor adjunto **Celso Filipe**



Entrevista a  
ADAM RUTHERFORD

Um dia o cancro  
será tema  
de historiadores



# Tensão máxima no Orçamento do Estado

**Negociações à esquerda** estão num impasse | **Dentro do Governo** há mal-estar entre Centeno e outros ministros | **Coligações negativas**, como no IVA da energia, preocupam

PRIMEIRA LINHA 4 a 7

Portugal é tricampeão mundial do turismo

ÚLTIMA 28

Águas de Portugal fica sem presidente

HOME PAGE 2

# Cortes nas progressões terminam em dezembro

Funcionários públicos começam a receber a 100% já no próximo mês.

ECONOMIA 12 e 13

# Estado vai pagar compensação de 900 milhões à CP até 2030

EMPRESAS 18

# Indústria Como o "rei dos cabos" perdeu o controlo da Cabelte



Tiago Neiva de Oliveira perdeu os 24,5% que ainda detinha para a Oxy Capital por decisão do Supremo.

EMPRESAS 20

# Novo Banco Comissão de acompanhamento está incompleta, oito meses depois

EMPRESAS 19

# Poupança Fundos PPR apostam em títulos de dívida de bancos

MERCADOS 22 e 23

ifthenpay

Referências Multibanco para a sua Empresa  
www.ifthenpay.com

Publicidade

